

TRAJETÓRIA E RESIGNIFICAÇÃO DA “ARTE” DE BORDAR À MÁQUINA E A MÃO-DE-OBRA FEMININA EM IBITINGA/SP

Maria Nilza Chagas Louzada¹, Prof^a. Dr^a. Valeria Zanetti²

¹Univap/Faculdade de Educação, Rua Tertuliano Delphin Junior 181, nilza.louzada@gmail.com

²Univap/IP&D, Laboratório de Pesquisa e Documentação e Histórica; shishima Hifumi, 2910, Urbanova, São José dos Campos/ SP, CEP: 12.244-240 vzanetti@univap.br

Resumo- Este projeto tem por objetivo compreender o papel da mulher bordadeira, bem como entender as mudanças ocorridas no processo de produção do bordado à máquina em Ibitinga, cidade do interior paulista, no período de 1950 a 2000. Objetiva-se identificar as mudanças ocorridas no modo de produção do bordado à máquina, ao mesmo tempo em que busca-se revelar memórias das próprias bordadeiras, objetos deste trabalho.

Palavras-chave: Bordadeira, bordado à máquina, processo de produção, economia, história,
Área do Conhecimento: História

Introdução

A escolha do tema, local e período a ser analisado se deu em função da possibilidade de contribuir para maior elucidação de questões que concernem à mão-de-obra feminina vinculada ao bordado à máquina em Ibitinga. O trabalho tem ainda, por objetivo, entender as mudanças ocorridas no processo de produção do bordado ao longo do período estabelecido, e como as mudanças são percebidas pelas bordadeiras.

Metodologia

As fontes primárias analisadas baseiam-se nas entrevistas orais com bordadeiras de Ibitinga, uma delas pioneira do bordado na cidade e com pessoas que possam dar alguma informação acerca do assunto. Também serão de grande importância as publicações de época como livros e artigos, além de fotografias.

As fontes secundárias, livros, artigos e teses a respeito da economia capitalista, do modo de produção industrial e do referencial metodológico ligado à memória e História social são fontes importantes para a elucidação do problema.

Resultados

Conforme entrevistas efetuadas até agora, bem como publicações do período em questão, pode-se evidenciar a transformação por que passou o bordado. As bordadeiras, em sua maioria, passaram por um processo de adaptação ao modo de confeccionar o bordado - de arte, na sua origem, à produção em série, na sua quase totalidade, como resultante das indústrias de bordado surgidas na cidade.

Discussão

Conforme publicações de época e entrevistas já efetuadas pode-se evidenciar que, com o advento das empresas de bordado de grande porte, em Ibitinga, o modo de produção foi se transformando.



Figura 1- Máquina a pedal (“maquininha”)

Da máquina simples, a pedal (também denominada “maquininha” pelas bordadeiras), passou-se para a máquina elétrica (também chamada de semi-industrial) e, mais recentemente, à máquina de produção em série, que vem ganhando espaço nas indústrias de bordado. No primeiro e no segundo caso tem-se a presença da bordadeira comandando todo o processo de confecção.



Figura 2- Máquina elétrica (semi-industrial)

Já no caso da máquina de produção em série (industrial), a presença da bordadeira não é mais necessária. A máquina industrial normalmente tem de oito a doze cabeças (agulhas bordando simultaneamente) e é comandada por uma única pessoa, responsável pela sua programação. Assim, ficam abertas as questões: Quais fatores influenciaram as mudanças no modo de produção do bordado à máquina ao longo do período analisado? Qual o papel da mulher bordadeira nessa trajetória do bordado à máquina em Ibitinga? Como as bordadeiras se adaptaram face às mudanças ocorridas no processo de produção? Qual o conceito de progresso? Qual o futuro das bordadeiras?

Conclusão

Fica evidenciado que a mão-de-obra feminina, iniciadora do bordado à máquina em Ibitinga, foi também a alavanca nessa trajetória do bordado. Os conceitos de “arte” e “progresso” são na maioria das vezes antagônicos quando se esbarram no processo de industrialização tão presente no mundo capitalista.

Referências

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CALVINO, Ítalo. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERTAU, Michel de. A invenção do Cotidiano – artes de fazer. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.

DUPAS, Gilberto. O mito do progresso; ou progresso como ideologia. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Ed. Vozes, 1987.

HOBSBAWM, Eric J. Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LIMA, Luiz Costa et all. Teoria da cultura de massa. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Trama e Poder: a trajetória e polêmica em torno das indústrias de sacaria para o café. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

MILANESI, Luiz Augusto. O Paraíso via Embratel: o processo de integração de uma cidade do interior paulista na sociedade de consumo. Coleção Estudos Brasileiros, V.32. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PRIORE, Mary Del (org.). História das Mulheres no Brasil. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.

THOMPSON, Edward P. Costumes em comum. São Paulo; Companhia das Letras, 1998.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary Del (org.). História das Mulheres no Brasil. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.

ROSA, Roque de. Retalhos – Meus tempos de Ibitinga. Ibitinga, SP: MG Editora, 2000.

MARTINEZ, Thiago. Trabalho domiciliar feminino no Brasil: Determinantes familiares e produtivos do trabalho remunerado exercido no próprio domicílio. 2008. 71f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Departamento de Economia da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, 2008.

SAWAIA, Bader Burihan. Ibitinga – suas práticas econômicas e representações sociais. Dissertação de mestrado, PUC/São Paulo, 1979.

Publicação da Secretaria da Cultura da Prefeitura Municipal da Estância Turística de Ibitinga. Ibitinga, Nossa Terra, Nossa Gente – assim nasceu Ibitinga. 1997.

Retratos do Brasil: A Fábrica – caderno de reportagens. Jornal O Estado de São Paulo, 1 de Maio de 2006.

Revista Veja. Contexto - Cai a proporção de pessoas que trabalham em casa. Editora Abril, edição 2063, ano 41, n.22, p.53, de 4 de junho de 2008.